

José Otávio Aguiar*
Catarina de Oliveira Buriti**

Revisitando o Semiárido: Cenários de Vidas e de Sol

Resumo: O artigo analisa relação entre natureza e cultura na literatura regional do Nordeste, através da leitura da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Escrito em 1938, este livro é considerado paradigmático para que se pesquise a especificidade do pensamento do escritor alagoano. Considerou-se, para tanto, a historicidade de sua escrita, bem como as formas pelas quais se configuravam, em sua literatura, as inter-relações históricas entre os homens e o Semi-árido brasileiro durante os anos 1930. Observa-se que, embora inseridos em um habitat considerado, por vezes, “hostil” e “adverso”, as personagens da trama criavam astúcias de sobrevivência biológica e cultural em interação com esse espaço, de modo que os fatores que os levavam a migrar do sertão nos períodos de seca não eram encarados como conseqüências desse fenômeno natural em sentido estrito, mas, decorrências da forma como tradicionais oligarquias político-econômicas da região utilizaram-se desse momento de vulnerabilidade para intensificar as relações de mando e exploração no ambiente de sertão.

Palavras-chave: Literatura, Semiárido, História Ambiental.

Abstract: This article is to examine, through the work *Vidas Secas* of Graciliano Ramos, written in 1938, considering this to their writing, they are configured the historical inter-relationship between man and the Brazilian Semi-arid during the years 1930. Observe that although included in a habitat often considered "hostile" and "adverse", the characters of the plot gimmicks historically created biological and cultural survival in interaction with that space, so the factors that led to migrate from backlands during periods of drought are not natural consequences of this phenomenon in the strict sense, but of how traditional political and economic oligarchies of the region were used that moment of vulnerability to intensify relations of command and operating environment of the hinterland.

Keywords: Literature, Semi-arid, Environmental History.

Em bom português, para quem tem olhos e quer ver, o Nordeste pode e tem tudo para se transformar na nossa Califórnia.

Michel Nicolelis. Flor de cactos. In: *Carta capital*.

* Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1999) e Doutorado em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Atualmente é Professor Retido (adjunto III) da Universidade Federal de Campina Grande/PB, lecionando na Graduação, bem como nos Programas de Pós-Graduação em História (Mestrado) e em Recursos Naturais (Mestrado e Doutorado).

** Graduação em Jornalismo pela UEPB (2007) e Licenciatura em História pela UFCG, mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG.

Primeiras palavras

O artigo analisa relação entre natureza e cultura na literatura regional do Nordeste, através da leitura da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Escrito em 1938, este livro é considerado paradigmático para que se pesquise a especificidade do pensamento do escritor alagoano. Considerou-se, para tanto, a historicidade de sua escrita, bem como as formas pelas quais se configuravam, em sua literatura, as inter-relações históricas entre os homens e o Semi-árido brasileiro durante os anos 1930. Observa-se que, embora inseridos em um habitat considerado, por vezes, “hostil” e “adverso”, as personagens da trama criavam astúcias de sobrevivência biológica e cultural em interação com esse espaço, de modo que os fatores que os levavam a migrar do sertão nos períodos de seca não eram encarados como consequências desse fenômeno natural em sentido estrito, mas, decorrências da forma como tradicionais oligarquias político-econômicas da região utilizaram-se desse momento de vulnerabilidade para intensificar as relações de mando e exploração no ambiente de sertão.

No romance *Vidas Secas*, Graciliano Ramos narra o percurso de Fabiano, um vaqueiro da “Catinga” que foge com a família em períodos de seca, buscando alcançar “uma terra desconhecida e civilizada” onde pudessem ficar “presos”, embora ainda não soubessem bem “como ela era nem onde ficava”. Caminhava lentamente entre aquelas veredas “Sinha Vitória com o filho mais novo”, o vaqueiro Fabiano “sombrio, cambaio”, “o menino mais velho e a cachorra Baleia”, animal que, ao lado do papagaio que serviu de alimento na véspera, completava os personagens daquela família.¹ A partida nada teria de excepcional, pois a fuga de Fabiano com a família é apresentada, na literatura, como prática corriqueira e necessária nos períodos de seca no sertão, quando as fazendas eram abandonadas, despovoadas e os sertanejos juntavam seus “pedaços de sonhos” e partiam na esperança de alcançar a sonhada “terra distante”, “uma cidade grande, cheia de pessoas fortes”.²

No alvorecer dos anos 1930, a economia nacional abandonava a secular cultura agro-exportadora que tinha como centro a região que hoje conhecemos como Nordeste. Em contraste, o Sul, paralelamente, caminhava para a construção do parque industrial do país sinalizando para um período de mudanças irreversíveis em termos de urbanização e modernização regional. São Paulo, uma pequena vila no século XIX, passaria a receber um intenso fluxo migratório, sendo a maior parte dele composta por nordestinos, que em pouco

¹ Cf. RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Prefácio de Álvaro Lins. 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995, p. 9; 10, 18; 126.

² Cf. *Ibidem*, p. 126.

faria dela a megalópole referencial do Centro-Sul brasileiro. Para os sertanejos que partiam do Nordeste, aquela cidade surgia no horizonte como uma espécie de eldorado mítico capaz de transformar radicalmente as suas vidas.

Nesse mesmo período, Gilberto Freyre, que então já era um célebre intelectual da região, esboçando a fisionomia ecológica do “Nordeste da cana-de-açúcar”, diferenciava-a, de antemão, da do outro Nordeste, de caráter pastoril, que, com seus “sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés”, “de paisagens duras doendo nos olhos”, quase não sugeria, no imaginário dos brasileiros, “senão as secas”.³ Foi lá que, em fins dos Oitocentos, enquanto tinha início no litoral o processo de decadência da “civilização do açúcar”, intensificou-se uma cultura agropecuária baseada no regime de propriedade de grandes latifúndios que permitiu o engendramento de novas relações de poder, autoridade e mando. Sintetizado na figura do coronel, esse sistema em breve consolidaria uma sólida rede de oligarquias configuradas em famílias poderosas que juntas deteriam o controle político, econômico e social da região.

Nos recônditos desses sertões, cujas fronteiras foram devassadas e humanizadas de forma esparsa por uma pecuária de extensão desde o alvorecer do século XVII, estabeleceu-se uma complexa cultura sertaneja, chamada por um dos nossos primeiros historiadores de *Civilização do Couro*, que já instituíra, criativamente, formas peculiares de interação com as condições ecológicas de seca.⁴ Desde então, essa paisagem, à semelhança de um texto no qual as gerações sucessivas escrevem as suas obsessões recorrentes, vem transportando toda a carga da história e “a pesada bagagem cultural” como produto das apreciações dos sertanejos sobre a Natureza.⁵ Por isso, sensível às palavras de Freyre que chamavam atenção para a multiplicidade de vidas, povos, culturas e naturezas dos “Nordestes”, tomarei essa paisagem

³ Cf. FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife, PE: FUNDARPE, 1985 [1937]. (Coleção documentos brasileiros, v. 4), p. 5

⁴ Cf. ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5. ed. rev., pref. e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília, DF: UnB, 1963 [1907], p. 272. Para saber mais sobre o estudo pioneiro dos estudiosos brasileiro em torno da relação entre história e natureza, ver: DUARTE, Regina Horta. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. A autora chama atenção que não obstante os historiadores dos Estados Unidos reivindicarem para si o pioneirismo em relação à criação da História Ambiental como uma nova perspectiva de abordagem, vários historiadores do Brasil, assim como de outros países, há muito se preocupavam com as relações entre história, sociedade e natureza. Ao lado Caio Prado Júnior, com *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) e de Sérgio Buarque de Holanda, com as obras *Monções* (1945) e *Visão do Paraíso* (1954), ela destaca os *Capítulos de História Colonial* (1907) que analisou os aspectos físicos do território brasileiro, abordando sua formação geológica, suas bacias hidrográficas, o relevo, a vegetação e a fauna, de forma sintonizada com a história das sociedades colonizadoras e das culturas indígenas que se instituíram por entre os sertões luso-brasileiros.

⁵ Sobre a elaboração cultural de mitos, lembranças e múltiplos significados sobre a Natureza na história, em um peculiar estudo sobre a paisagem européia, ver SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das letras, 1996.

do Sertão semiárido nos albos dos anos 1930, como um documento histórico a partir do qual tecerei algumas histórias e poesias que, assim espero, hão de sugerir muito mais do que secas.



Central Bioma Caatinga - Quixeramobim – CE
Pelos caminhos da Caatinga, sertanejos seguiam em busca de novos horizontes
Foto: Arquivo José Otávio Aguiar

No Semiárido brasileiro da época, a seca era considerada o “fantasma” causador de todos os problemas da sociedade. Entre a diversidade de fatores físicos, biológicos e culturais que se influenciavam mutuamente no ambiente de Caatinga, o clima se sobressaía como o responsável pela configuração das paisagens humanas e naturais da região e, por assim dizer, como a causa de todas as “mazelas” sociais que assolavam a população: devastação, fome, sede, epidemias, penúria, mortes, etc.⁶ Nesse sentido, quando sertanejos deixavam as suas terras para buscar outras cartografias, entendia-se que estavam fugindo de todas essas “adversidades” naturais provocadas pelas secas. E essa Natureza “hostil”, “adversa”, “imutável” e “doente” era considerada o agente determinante de todas aquelas “desgraças” na região.

Contudo, essa relação simplista de determinidade geográfica, além de não se considerar a dimensão histórica e socialmente construída através da interação dos indivíduos com o meio ambiente (que, em sentido algum, é imutável), situa-nos como passivos e destituídos de sua condição de sujeitos, incapazes, por assim dizer, de agir positivamente, com base nas possibilidades de que dispunham, contra as imposições naturais a um ambiente de seca.⁷

⁶ Cf. ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem do Nordeste*. 3. ed. rev. atual. São Paulo: Brasiliense, 1973.

⁷ Cf. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2006. Sobre o debate entre a geografia alemã de Ratzel, um dos pioneiros da geografia física, que atribuía maior influência ao meio físico sobre o destino humano, e a de Vidal de la Blache, que defendia a liberdade de escolhas humanas diante das imposições do meio ambiente, ver as

Isto posto, devemos lembrar que o estudo das relações entre história e Natureza, frequentemente somos convocados a detectar os espaços nos quais as escolhas humanas se mantêm preservadas, não obstante as inegáveis influências dos domínios físicos – estrutura geológica, relevo, clima e hidrografia – do meio biológico – vegetação, fauna e microorganismos – e até mesmo das tendências genéticas herdadas pelos indivíduos. É certo que a natureza e os fatores sociais e históricos influenciam nossas escolhas até certo ponto, sem, entretanto, determiná-las em absoluto.

Sobre isso, lembremos Cornelius Castoriadis. Contrapondo-se à idéia de limitação probabilística das possibilidades de variação dos dados culturais humanos defendida pelos estruturalistas levi-straussianos, o filósofo grego afirma que as possibilidades de criação em um domínio social-histórico tornam-se possíveis porque as sociedades humanas são diversas, autônomas e marcadas por escolhas particulares. Nesse sentido, ao nos arvorarmos à leitura das significações e práticas dos indivíduos de uma sociedade em relação ao ambiente com o qual interage, devemos, antes de tudo, considerar essa sua capacidade singular de trilhar caminhos próprios, de deixar as marcas de seus desejos, escolhas e obsessões recorrentes sobre a paisagem, a partir dos significados que a sua sociedade institui sobre o meio ambiente e sobre os usos que serão ou não feitos de seus recursos. Considerando que “Toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo”,⁸ cumpre-nos observar que o indivíduo atua historicamente como um sujeito autônomo na e pela sociedade ao se apropriar do meio ambiente, instituindo para este: significados, imagens, símbolos, representações, em suma, um imaginário que intermedia a relação do homem com a natureza.⁹ Deste modo, os indivíduos que teceram histórias no Semiárido dos anos 1930, instituíram um mundo natural, atribuindo-lhe sentidos múltiplos que perpassaram as suas ações, práticas, apropriação, sentimentos, sensibilidades etc.

A originalidade do bioma Caatinga, insuflado em um território nacional em que cerca de 90% do seu ambiente é dominado por climas úmidos e subúmidos, intertropicais e subtropicais, explica-se pela presença de um conjunto de atributos climáticos, hidrológicos e ecológicos que estão centrados no tipo de clima semi-árido regional, muito quente e

intervenções de Lucien Febvre em favor do último e atacando o primeiro. Cf. BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. Ver ainda: DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: *História e ciências sociais*. Tradução Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

⁸ Cf. CASTORIADIS, Cornelius. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: *As encruzilhadas do labirinto/2: os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, p. 232.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 242.

sazonalmente seco, que projeta as suas derivadas para o mundo das águas, para o domínio orgânico das caatingas e para o universo socioeconômico e cultural da região.¹⁰ Entretanto, interagindo com esse ambiente natural sob uma relação de autonomia e criação cultural, os sertanejos desenvolveram um conjunto de experiências e práticas socioculturais que lhes propiciavam conviver com essas condições naturais. Não obstante, diante da instabilidade socioeconômica com a qual frequentemente se deparavam nos momentos de seca, a primeira opção que lhes surgia ao horizonte era partir do sertão em busca de outras cartografias.

Uma “ressurreição” no Semi-árido

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos relata o itinerário da família de Fabiano atravessando o Semiárido brasileiro em busca de “um lugar menos seco”. A narrativa aborda um conjunto de experiências que essa fuga encerra, problematizando os fatores que são sintomáticos dessa condição de instabilidade da vida no sertão. O escritor mostra que depois de vivenciar um período de inverno com relativa segurança, o vaqueiro “combinou a viagem com a mulher” e embora hesitasse, preparando-a lentamente, adiando-a, tornando a prepará-la, sabia que era necessário migrar, dando abertura a um novo devir histórico que em sentido algum significava um movimento circular, mas um tempo espiralado, em que os fenômenos naturais são parecidos com os do passado, no entanto, os destinos seriam múltiplos, partindo de escolhas individuais e autônomas e rumando para novos destinos. Assim, mais uma vez o vaqueiro constatava que tudo “estava definitivamente perdido” e “largou-se com a família sem se despedir do amo”.¹¹

Embora esses fragmentos sinalizem para uma possível associação entre seca e migração, como se fosse a Natureza, o ambiente de Caatinga com o qual os sertanejos interagiam que determinasse, em última instância, a decisão de partirem, na prática, o que a obra insinua – e é a esta singularidade que devemos longamente nos deter – é a existência de fatores arraigados nas relações de poder naquela sociedade, que explica a fuga dos sertanejos.

A falta de inverno no Semiárido não é situada no romance como a causa ou o agente desencadeador do processo de migração dos sertanejos, o que incorreria, no limite, em uma abordagem fatalista e determinística da cultura regional e na negação do seu múltiplo potencial criativo. Em *Vidas Secas*, a partida dos sertanejos que habitavam aquela

¹⁰ Cf. AB’SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo, 2003, p. 85.

¹¹ Cf. RAMOS, *Op. Cit.*, p. 116-117.

configuração territorial emerge como uma possibilidade de fugir não de suas características ambientais, mas da insatisfação com a realidade social e as relações tensivas que a perpassavam.

Observa-se que Graciliano se vale de um conjunto de imagens literárias configuradas em personagens, através dos quais descortina um olhar crítico com referência, particularmente, à miséria e às relações de poder e submissão naquele espaço. É o caso do “soldado amarelo”, ou simplesmente “o polícia”, que assume na obra o perfil do homem injusto, violento, opressor, arrogante, que “espanca as criaturas inofensivas” como era o caso de Fabiano que foi insultado, levado à prisão e arbitrariamente surrado com uma “lâmina de facão” nas “trevas do cárcere”. Ele questionava “Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, que nunca fora preso. De repente, um fuzê sem motivo”. Fabiano considerava o “amarelo” como uma “autoridade”, um representante “dos homens que mandavam”, por isso, “não se defendeu”, “obedecia”, julgou melhor ter “paciência”, afinal, para ele, “Apanhar do Governo não é desfeita”. Entretanto, não obstante as atitudes de subserviência do vaqueiro, em seus pensamentos, alinhavam-se diversas astúcias para vencer aquela “criatura desgraçada”, “safada, mofina, escarro de gente” como o desejo de “desmanchá-la com um tabefe”, reluzi-lo ao “barro”, “Mataria os donos dele, entraria num bando de cangaceiros e faria estragos nos homens que dirigiam o soldado amarelo. [...] Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha”.¹² A imagem do “amarelo” era uma das “figuras insuportáveis” que motivou a migração da família de Fabiano, quando se intensificavam as relações tensivas características daquela sociedade. Além disso, houve também o caso de um funcionário corrupto da Prefeitura do qual o mesmo vaqueiro foi vítima no passado, quando “num dia de apuro” comerciava a carne de um porco magro na cidade e o cobrador o impôs altas multas e impostos sobre o produto. E ainda o “dono da fazenda” para o qual trabalhava que o humilhava e o extorquia nas contas da partilha.

Em todos esses casos, embora o sertanejo demonstrasse obediência e subserviência em relação ao “polícia”, ao “cobrador” da Prefeitura e ao “patrão”, na prática, em seus pensamentos, expressava toda a sua indignação diante daquelas atitudes arbitrárias e violentas. Insatisfação que, mais tarde, configurar-se-ia em ações, quando, astuciosamente, o vaqueiro fugiu com a família em busca de outras cartografias. A causa da migração dos sertanejos nos tempos de seca decorria, portanto, em *Vidas Secas*, não em virtude das

¹² Cf. *Ibidem*, p. 27-38.

condições ambientais da região, mas da corrupção dos funcionários do governo, da violência e injustiças de seus representantes e dos coronéis mandões que buscavam dominar a política, a sociedade e a economia do sertão.

Nesse sentido, pode-se inferir que os sertanejos fugiam do Sertão como uma forma de livrar-se do “cemitério” ou do “fim de mundo” em que a Caatinga se transformava, sobretudo nos momentos de seca, por interiorizar um sistema social que os marginalizava por serem pobres e “embrutecidos”,¹³ como o era o vaqueiro Fabiano e a família, apenas aproveitados, residualmente, pelo “dono da fazenda” – um grande latifundiário que ainda aparentava ares de coronel. Destarte, migrar seria, em última instância, a escolha de dizer não à situação social em que vivia com a família, de não conformar-se a ela, unindo “pedaços de sonhos” e de esperanças para partir na esperança de alcançar melhores condições de vida.

Pelas descrições da natureza da Caatinga e das práticas culturais de interação dos indivíduos com ela, é possível observar como se edificou na obra de Graciliano Ramos, espiralando-se a partir de um imaginário social construtor de uma identidade para o lugar sertanejo no interior da “Nação”. Para isso, debruçar-me-ei sobre a obra *Vidas Secas* para identificar como esse literato buscou na natureza brasileira a base para a construção e afirmação de uma identidade para o Nordeste, observando os aspectos físico-naturais da paisagem do Semiárido e as apreciações culturais sobre ela inseridas.¹⁴

Nesse sentido, o percurso dos personagens delineado na obra traduz um conjunto de traços, rastros, indícios e marcas de historicidade da sintonia fina da relação que o sertanejo estabelecia com o ambiente semiárido naquela época, de acordo com a utensilagem cultural e os esquemas de significação que (in) formavam a sociedade da qual faziam parte. Os sertanejos conheciam profunda e intimamente aquele espaço e os seres que os povoavam: previam as atitudes do domínio físico, como o clima e a alternância das estações; decifravam os sinais e sintomas das ações dos animais e das plantas, etc, numa constante atualização de saberes, experiências culturais e significações imaginárias historicamente criadas que intermedeiam a relação entre homem e natureza. Quando caminhando como “fugitivos” pelo sertão, no início da trama, sinha Vitória e Fabiano se depararam com uma fazenda abandonada, a imagem da nuvem emerge como um sinal da natureza que eles vislumbravam na esperança da chegada do inverno para o sertão; no final da obra, quando, depois de um

¹³ O crítico literário Hermenegildo José Bastos afirma que está implícita no adjetivo “bruto”, toda a carência do sertanejo, seja ela afetiva, profissional ou intelectual. Ver: BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere: Literatura e Testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

¹⁴ Cf. BORGES, Valdeci Rezende. Cultura, natureza e história na invenção alencariana de uma identidade da nação brasileira. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51, 2006, p. 89-114.

interstício de chuvas e de relativa estabilidade, os sertanejos novamente fugiam do Semiárido por ocasião de mais uma seca, “Andavam por caminhos conhecidos. [...] Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras.”¹⁵

O “mundo temeroso”, o “outro mundo” que apontava além do horizonte era certamente o ambiente das cidades, desta vez os sertanejos migravam para São Paulo, um lugar que lhes era estranho, um estilo de vida a que não estavam adaptados, trataremos dessa questão mais adiante. Mas no Sertão era diferente, lá podiam manter uma relação íntima com o ambiente, conheciam os seus segredos, tesouros, manhas, vontades, particularidades, configurando-se em uma cultura singular de interação marcada por conflitos e simbioses. Os trechos acima referendados ilustram, particularmente, esse tipo de relação com o ambiente a que o homem do Semiárido estava adaptado. Diversas outras passagens ainda podiam ser destacadas como as aves de arribação que significavam para sinha Vitória e Fabiano um “mau sinal”, pois “provavelmente o sertão ia pegar fogo”, ou seja, a seca mais uma vez configuraria, de forma espiralada, novas tramas históricas no sertão; pode-se ainda mergulhar, sob o olhar desse literato, na observação do modo como aqueles sertanejos se adaptaram biologicamente ao meio ambiente e às suas singularidades, de modo que ambos se integravam através de um visível processo de interfaces entre culturas humanas e patrimônio ambiental. Dessa interação resulta a identificação do homem com os “bichos” e com as plantas enraizadas nas terras do sertão. O vaqueiro “Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas.”¹⁶

Esses fragmentos literários asseveram o modo como os sertões foram apaixonadamente explorados pelo homem no interior de determinados esquemas de significações histórica e espacialmente localizados. Esse processo de atribuição de sentidos e identificação do sertanejo às plantas, aos animais e à terra, configurados, sobretudo, nos períodos de inverno, resultou em uma relação emocional e sentimental que perpassava o cotidiano e a tessitura da vida engendrada no ambiente semiárido.

Vale lembrar, entretanto, que se nesses momentos os sertanejos se sentiam tão imbricados ao meio ambiente a ponto de se identificarem com espécies da própria fauna ou flora da região, essa interação não foi levada a efeito sem o intermédio de conflitos entre a sociedade e o meio, ambos com o intuito de impor ao outro os seus desejos e obsessões

¹⁵ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 123-124.

¹⁶ Cf. Ibidem, p. 19.

recorrentes, sobretudo nos períodos de seca. Era somente através desse processo de interação, marcado por diferenças e conflitos, que o homem se adaptava biológica, genética e culturalmente às peculiaridades ambientais do Semiárido, construindo um devir histórico em que sociedade e natureza se integravam reciprocamente.

Essa relação de conflito é descrita no primeiro capítulo da obra, quando Graciliano apresenta as personagens caminhando pelo interior das matas de Caatinga em um período de seca. O cenário com o qual interagem é descrito através da imagem de um “rio seco” em cujas margens repousam depois de uma longa caminhada de “bem três léguas”, “fazia horas que procuravam uma sombra”, quando “através dos galhos pelados da catinga rala”, observaram ao longe “duas manchas verdes” de juazeiros, planta típica da região, que contrastavam com a extensa “planície avermelhada”.¹⁷ A viagem caminhava lenta e silenciosa, o espírito do sertanejo estava “atribulado” depois de percorrer horas aqueles caminhos “cheios de espinhos e seixos”, quando o “resto da farinha acabara” e “não se ouvia um berro de rês perdida na Catinga”.¹⁸

As palavras literárias apresentam um ambiente típico do bioma Caatinga nos períodos de seca. À família de Fabiano, homem pobre, do campo, “embrutecido”, sem a mínima instrução formal, não era oferecida pelos governantes a mínima estrutura social que os dispusessem de condições materiais para atravessar um período de seca na Caatinga. Pelo contrário, nesses períodos marcados pela falta de água e de ervas para os animais, era comum que os proprietários de terra para os quais vaqueiros e camponeses serviam, se desfizessem de parte dos seus bens, sobretudo dos animais, e abandonassem as fazendas em direção às cidades mais próximas, de onde esperavam que o período de seca passasse. Há uma imagem da obra que corrobora tal assertiva. Durante a caminhada, quando os personagens alcançaram a esperada sombra do juazeiro, perceberam que estavam no “pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido”.¹⁹

Para os sertanejos que não possuíam terras e nem posses, como era o caso do vaqueiro Fabiano, cujo trabalho estava ligado à terra e ao latifundiário, quando isso ocorria, a oferta de serviços nas fazendas ficava escassa e não dispo de nenhum apoio governamental para enfrentar o momento de seca, não lhes restava alternativa que não fosse migrar.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 9.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 11

¹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 12.

Não obstante sabermos que o Semiárido brasileiro é identificado pela escassez relativa de água e o rigor das prolongadas estiagens, os problemas sociais que marcam essa sociedade têm implicações muito mais complexas que transcendem certas explicações deterministas e fatalistas que atribuem ao ambiente como o causador desses problemas. Vale lembrar que desde o período de ocupação desse território se estabeleceram relações sociais, atividades econômicas e formas de governabilidades peculiares que se arraigaram em relações de poder e mando sobre alguns indivíduos, de modo que a maior parte da população pobre ficou relegada às vontades de pequenos grupos de famílias que dominavam a política e a economia regional.

Além disso, o Semiárido e a sua formação sociocultural e econômica foram excluídos, em certo sentido, desde a sua formação, pelo sistema de poder vigente e pela sua própria história. Esse ambiente natural tem sua história econômica, social, política e natural diretamente associada a seu caráter de território onde a pecuária se instalou como uma atividade acessória à outrora pujante monocultura açucareira das matas da costa litorânea do Nordeste que fez a fortuna dos colonos portugueses.²⁰ Isso ocorreu em virtude de o Sertão do Nordeste, desprovido de recursos naturais propícios aos interesses dos europeus e de posição estratégica para exploração que possuía a região litorânea, ter ficado à margem do processo de colonização, sendo considerado o espaço do *não-poder*, do *outro*, que não participava do sistema de poder vigente de seu tempo, ou seja, não estava subordinado à estrutura de organização institucional do Brasil colonial, o que possibilitou a constituição histórica de uma cultura e de uma sociedade com características identitárias peculiares em interação com esse ambiente particular.²¹

No “esquecido” ambiente sertanejo, não foi a mão-de-obra escrava negra, figura decisiva ao sistema de monocultura de outros espaços do Brasil, que organizou a cultura do trabalho, mas a unidade familiar ligada ao que veio a ser o latifúndio. Instituiu-se uma sociedade baseada na luta pela sobrevivência em um espaço natural aparentemente adverso, onde se estabeleceram relações sociais de poder que intensificaram as dificuldades cotidianas

²⁰ À custa da opulência da cana-de-açúcar, a rica biodiversidade das matas litorâneas foi vorazmente destruída. Sobre isso ver: FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. O sociólogo demonstra como as expectativas, os valores e os atos dos portugueses colonizadores produziram efeitos predatórios no quadro natural do chamado Nordeste úmido. Ele examina a relação dos portugueses com os nativos, a terra, a flora, a fauna e a água, produzindo um diagnóstico até então inédito da degradação ambiental provocada pela sociedade canavieira. Uma tentativa de estudo ecológico impressionista do Nordeste da cana-de-açúcar, monocultor, latifundiário e escravocrata, decadente em sua época, mas que foi durante muito tempo o centro da civilização brasileira. Descreve significativas brechas que o interesse do colonizador em uma única planta abriram na vida, na paisagem, na cultura e sensibilidade do povo.

²¹ Cf. CHACÓN, Suely Salgueiro. *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. Fortaleza, CE: BNB, 2007. (Série Teses e dissertações, v. 8), p. 81.

enfrentadas para garantir a sobrevivência como escassez de água, solo degradado, monopólio de terras, pouca inserção social, etc.²²

Os múltiplos conflitos pela terra e pela água que se desenvolveram no Sertão, tornaram vaqueiros e/ou agricultores e até mesmo alguns patrões despreparados para sobreviver nos períodos de seca, alvos do uso político dessa situação. Ocorre que, mesmo sabendo que os grandes latifundiários sertanejos que exploravam seus agregados e que eram beneficiados pelos arranjos políticos que desviavam recursos em épocas de seca, vale lembrar, eram também explorados pelos políticos que detinham efetivamente o poder e que o buscam apenas à procura dos votos de seu “curral” e o esquecem nos momentos de crise.²³

No início do século XX, foram implementadas no Semiárido algumas políticas governamentais que, em tese, mudariam o relacionamento do governo com os “flagelados” da seca, que consistiriam em combater o “flagelo” e não mais em retirar os sertanejos da região. Destaca-se nesse período a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, que, mais tarde, na década de 1920, sob o governo de Epitácio Pessoa, seria transformada na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS),²⁴ voltadas para atender à população que experienciava os períodos de seca. A finalidade do governo não consistia, no entanto, em construir alternativas que valorizassem o potencial histórico-cultural de interação da sociedade sertaneja com o ambiente, de modo a propiciar uma convivência mais harmoniosa com o Semiárido. Pelo contrário, a ação dessas Inspetorias se limitava a políticas assistencialistas e emergenciais direcionadas verticalmente, como a construção de obras isoladas que, em geral, concentraram-se sob o poder dos grandes latifundiários que monopolizavam as terras, as alternativas de trabalho e os reservatórios de água construídos em suas propriedades. Além disso, Villa (2000) salienta que a inoperância dessas instituições governamentais por terem sido focos de corrupção por parte das elites políticas e econômicas da região que se compraziam em fazer uso privado dos recursos públicos foi um dos fatores de contradição que agravou a situação dos sertanejos.²⁵

Nesse sentido, vale salientar que foram os esquemas de mando político e econômico locais, intensificados nos momentos de estiagens prolongadas, e a falta de democratização dos recursos hídricos e da propriedade da terra que impulsionaram os sertanejos a deixarem a sua região. Migrar seria, em última instância, uma estratégia não só para minimizar as

²² Cf. *Ibidem*, p. 83.

²³ Cf. *Ibidem*, p. 84.

²⁴ A partir de 1945, o órgão passaria a ser conhecido como Departamento Nacional de Obras Contra a Secas (DNOCS).

²⁵ Cf. VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 134.

dificuldades do cotidiano – a sede, a fome, a miséria, as epidemias – mas também para buscar um lugar social onde se pudesse driblar a continuidade do sistema em vigor pretendido pelas elites brasileiras e reafirmar uma identidade cultural cada vez mais desvalorizada no interior dos sertões.²⁶ Destarte, faz-se necessário desconstruir certas noções determinísticas que situaram a migração como decorrente apenas do clima, erigindo a imagem de uma natureza “hostil”, “adversa”, imutável e responsável pelos maiores problemas dessa sociedade, escamoteando os problemas sociais, políticos e econômicos da região e negando as potencialidades naturais da Caatinga.

Embora em *Vidas Secas* Graciliano descreva os personagens como “miudinhos, perdidos no deserto queimado”, que “somavam as suas desgraças e os seus pavores”, desfigurando, em certa medida, as características ecológicas peculiares ao bioma Caatinga, não atribui a essas condições naturais o motivo das “desgraças” e dos “pavores” porque passava o vaqueiro com a mulher e os filhos. Isso porque, profundos conhecedores das peculiaridades daquele ambiente, esses sertanejos interagiam com ele com vistas a garantir a sua sobrevivência naquele espaço de conflito entre Natureza, cultura e sociedade que, em pouco, integravam-se através das práticas de readaptação dos indivíduos em relação ao ambiente e do manejo criativo dos recursos naturais.

Tais práticas consistiam na luta desses sertanejos que, quando apreciavam o ambiente de Caatinga, utilizaram-se dos recursos naturais que ele lhes dispunha para assegurar a sobrevivência do grupo. Há um trecho do primeiro capítulo de *Vidas Secas* que parece bastante ilustrativo desse aspecto. Na trama, quando as personagens chegaram à fazenda abandonada, a cachorra Baleia que também fazia parte do grupo encontrou um preá, uma pequena espécie de roedor nativo do Nordeste e altamente adaptado as condições ecológicas regionais e bastante apreciado como produto de caça.²⁷ De imediato, surpreendidos com esse grande motivo de alegria, fizeram uma fogueira utilizando-se de uma pequena touceira de macambira²⁸ e de “madeira meio roída” que trouxe do chiqueiro, para que pudessem saborear aquela “caça bem mesquinha, mas que adiaría a morte do grupo”, ao mesmo tempo em que

²⁶ Cf. BURITI, C. de O; AGUIAR, J. O. A gestão dos usos e a apropriação cultural dos recursos hídricos através dos tempos: uma história ambiental da escassez de água no Semiárido nordestino. In: AGRA, João Tertuliano Nepomuceno; AGUIAR, J. O. (Orgs.) *Água, solo & educação ambiental: história e memória, planejamento e gestão*. Campina Grande-PB: EDUEFG, 2008, p. 23.

²⁷ Cf. MENDES, Benedito Vasconcelos. *Plantas e animais para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Globo, 1987. (Coleção do agricultor).

²⁸ Macambira.

Fabiano buscou no bebedouro dos animais uma “água salobra” que amenizaria a sede da família.²⁹

Assim, observo que não obstante as pressões e influências da natureza e do domínio social-histórico sobre os indivíduos, estes agiam criativamente através de suas próprias escolhas, encontrando espaços indeterminados que os permitem construir universos de significação particulares. No caso das personagens de *Vidas Secas*, conforme observamos acima, o ambiente de Caatinga, apesar do sistema de determinações sociais, históricas e, principalmente naturais, que limitavam e impunham certas determinações aos seus desejos e sonhos de felicidade, eles se apresentaram como caçadores de pérolas na natureza, interagindo com esse próprio ambiente para nele encontrar o necessário à vida. Como nota o próprio Graciliano, no momento da partilha daquela “caça bem mesquinha”, “Fabiano queria viver”. E não apenas isso. “Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante”, “desejava brigar” com a seca, “sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la”.³⁰

Enquanto tencionava “hospedar ali a família”, Fabiano “espantou-se” ao perceber que “uma sombra passava por cima do monte”, era uma nuvem que se formava sob aquele imenso azul do céu “que deslumbrava e endoidecia a gente”. Mostrou-a à mulher e alegraram-se diante daquela “esperança que os alentava” de que chegasse chuva no sertão. Depois de compartilharem a caça, Fabiano constatou que “A nuvem tinha crescido e agora cobria o morro inteiro” e isso lhe dava segurança, “sentiu desejo de cantar” e “uma alegria doida” lhe enchia o coração.³¹

“Uma, duas, três, havia poucas estrelas no céu”,³² sumiam-se atrás das nuvens sinalizando perspectivas de chuva. As personagens se alegravam ao perceber nos sinais da natureza que em pouco ela chegaria ao Sertão. Fabiano havia se apossado daquela fazenda abandonada e agora cultivava sonhos para a família diante da nova esperança que o alentava, alinhavando uma vida imaginária que reencantava o seu mundo: “A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta.[...] Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas.[...] E a catinga ficaria toda verde.”³³ Mais adiante, ele antecipa em

²⁹ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 13-14.

³⁰ Cf. Ibidem, p. 14; 26.

³¹ Cf. Ibidem, p. 13-14.

³² Cf. Ibidem, p. 16.

³³ Cf. Ibidem, p. 15.

seus desejos essa “ressurreição” da Caatinga, onde seriam “todos felizes” e da fazenda que “renasceria”, ele “seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.”³⁴

A leitura desses fragmentos evidencia que já em fins do primeiro capítulo da obra, a nuvem emerge sinalizando para perspectivas de chuva no sertão. Após vivenciar momentos de extrema escassez e desespero, enveredando por aqueles caminhos que entrecortavam a “rala” vegetação de “Catinga”, a família de retirantes contemplava, sob a intensa “claridade do sol” um indício de que provavelmente a felicidade em breve ali chegaria quando céu e terra trocassem um beijo de amor através de suas águas límpidas e singelas que abrandariam as vidas do sertão. Observa-se que a maior parte da obra é ambientada com inverno no Semiárido e com a fixação dos sertanejos na fazenda de um desses arrogantes latifundiários típicos na região, de modo que essa estação natural “ocupa a posição central no romance”.³⁵ Esse interstício de inverno que perpassa toda a intriga é precedido pela fuga da família em um período de seca no sertão, como se observou no primeiro capítulo e, no outro extremo, no desfecho da obra, com mais uma retirada dela ao sentir que a seca estava de volta, de modo que o final da obra poderia encontrar a pétala inicial da rosácea em um exercício circular que representaria o tempo cíclico da natureza, ou seja, das secas e das chuvas torrenciais.

Entretanto, conforme nos salienta exemplarmente Bueno (2006), ao invés de desenhar um ciclo fechado e reducionista de sucessivas secas, que associaria o tempo cíclico da natureza a uma inalterabilidade do destino das pessoas, o tempo, ao final de *Vidas Secas*, descortina-se sob a forma de espiral, uma vez que repete a situação inicial numa dada dimensão, mas noutra se distancia dele. Significa afirmar que, a trajetória que a família segue ao final do romance extrapola o mero cíclico natural, abrindo uma conjuntura engendrada por esses sujeitos sob a forma de novas relações sociais e com o meio ambiente. Nessa perspectiva, seria uma atitude simplista por parte do/a historiador/a incorrerem na redução dessa obra literária à análise de marcas de historicidade que acompanhariam o tempo da natureza, visto que a obra de Graciliano situa os seus personagens como atores e atrizes sociais criativos, passíveis de escolher e construir a sua própria história, entendida como um devir, que em sentido algum, preexistiria.³⁶

Para além da percepção sensível da realidade concreta, o enredo delineia aspectos relacionados ao não-visto, ao não-experimentado, ao abstrato, às operações imaginárias que atribuem significados ao mundo vivido, reconfigurando-o em uma narrativa de caráter

³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 15-16.

³⁵ Cf. BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2006, p. 651.

³⁶ Ver CASTORIADIS, Op. cit.

verossímil. É possível explorar em *Vidas Secas* um conjunto dessas cartografias da imaginação com referência, particularmente, às representações da natureza do Semiárido. Fabiano, imbuído naquela esperança avassaladora da chegada das chuvas ao sertão, trouxe à baila fiapos de sonhos, fantasias, desejos e aspirações que teciam e compunham, subitamente, a imagem de uma “catinga” que se metamorfoseava, passando da condição de seca, escassez, sofrimento, fraqueza, fome, sede, etc, para uma fisionomia de vidas palpitantes, alegres, com fartura e abundância. “Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de sinha Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde.”³⁷

A expectativa com a chegada do inverno permitiu que o vaqueiro apreciasse todos esses projetos de felicidade para a sua vida, da família e até da cachorra Baleia, sugerindo um universo simbólico de “ressurreição”, de “renascimento” possível somente quando não havia seca no sertão. Era apenas através dessas elaborações mentais que o desejo de Fabiano de se tornar o “dono daquele mundo”, a saber, de uma fazenda situada em um ambiente de “catinga” em que as vidas palpitavam, tornava-se algo concreto. Isso porque na realidade material em que vivia, a realização desses projetos seriam um tanto improvável, incerta, insegura, frágil, instável, pois mesmo quando o inverno chegasse e a “catinga” renascesse, personagens “insuportáveis” como um “soldado amarelo”, um “patrão”, um funcionário corrupto da Prefeitura viriam perturbar e desestabilizar essa configuração imaginária de felicidade e exigir que elas fossem espiraladamente recriadas.

Nesse espaço de sonho, de criação e de liberdade que compunha o imaginário do vaqueiro, é possível indagar como as relações de poder e mando no sertão estavam articuladas com a natureza, com o clima da região. Ora, se nos períodos de inverno a personagem somente se ocupava em “guardar coisas alheias” e prestar serviço ao seu “amo” sob uma relação de subserviência e humilhação e, no outro extremo, nos tempos de seca, destituído de posses que lhe assegurasse a sobrevivência e permanência da família naquele lugar, era impelido a migrar para outros espaços, então se percebe que somente nas cartografias imaginárias, no lugar do sonho, do desejo, do não-visível, do não-palpável, do abstrato, era possível criar um ambiente em que se conciliavam inverno, felicidade, autonomia individual, liberdade, plenitude, fartura, etc, que legitimava a condição de ser proprietário da fazenda e de viver com segurança na terra onde se enraizara.

³⁷ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 16.

Evidencia-se, assim, que somente através dessas operações imaginárias de sentido, o sertão se configura para as personagens como o espaço da emoção, da felicidade, da fartura, do sonho, do cantar, do alegrar-se, do inverno, da abundância, etc. Destarte, nas práticas cotidianas instituídas nessa configuração territorial, permeada por relações tensivas de poder, de mando e de subordinação, não haveria espaço para a concretização de tais projetos de felicidade, independentemente do tempo natural vivido: se primavera, com suas flores, cores, belezas; ou verão, com seus raios de sol a heroificar vegetais que escamoteavam as suas vestes para lutar contra uma água que se lhes tornava mesquinha e fugidia; inverno, com o frio, a emoção, o renascer e desabrochar das plantas que povoavam as terras sertanejas; ou mesmo outono, com seus aromas, sabores e frutos.

Conforme salientamos, as imagens elaboradas por Fabiano de uma transformação positiva e radical da vida na “catinga” não abrangeria apenas o homem, mas também a flora e a fauna com a qual povoaria aquela configuração territorial. A cachorra Baleia também fazia vivenciar aquele paraíso terrestre em que o ambiente semiárido se transformara nas fantasias esboçadas pelo vaqueiro. Esse aspecto parece ilustrativo do papel que os animais exerciam no cotidiano dos sertanejos, de modo que eram humanizados a ponto de sentirem as mesmas emoções e angústias do homem, que, por sua vez, em alguns casos, confundia-se com eles, sentiam-se compreendidos comente por eles. Deste modo, praticamente não havia hierarquias ou relações de poder entre o mundo animal e humano nos domínios das caatingas, mas uma identificação recíproca que estabelecia uma relação singular de humanização dos animais e de zoomorfização do homem. Voltaremos a tratar deste assunto no segundo capítulo.

Se como afirma Sandra Pesavento,³⁸ os imaginários são construções sociais circunscritas em períodos históricos que, por assim dizer, guardam especificidades e assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço, então a percepção e problematização das imagens que povoavam os pensamentos de Fabiano torna-se relevante para detectarmos os significados que Fabiano atribuía à sua vida em sociedade.

Apreciando a arquitetura de *Vidas Secas*, observo que Graciliano Ramos iniciou o romance descrevendo o desespero de uma família que experienciava os momentos finais da seca. Entretanto, ainda no final do primeiro capítulo emergem as perspectivas de que tal situação de escassez e insegurança logo se transformaria quando as chuvas chegassem o

³⁸ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & Literatura: uma velha-nova história*. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006. [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Consultado em 27 de julho de 2009, p. 3.

sertão. Essa forma peculiar de configuração do enredo assinala um amplo universo de significações a ser explorado para problematizar as inter-relações entre sociedade e Natureza que se efetivavam na região semiárida nos idos de 1930.

Ao arrolar o último capítulo da obra denominado “Fuga”, constatamos uma cena que vem de encontro ao que foi narrado na abertura: mais uma vez, Fabiano, depois de viver um relativo período de estabilidade e prosperidade na fazenda, quando durante todo o desenrolar da trama não houve evidência imediata de seca no sertão, salvo na memória e no temor que povoava os pensamentos e sentimentos das personagens, retirava-se daquele espaço com a família ao detectar os indícios de que ela velozmente já se aproximava.

Assim, observa-se que durante todo o interstício chuvoso que perpassa o desenvolvimento da obra em meio às estações secas – no início da obra, o fim de uma estiagem e no desfecho o início de mais um desses períodos – Fabiano, a esposa sinha Vitória e os dois filhos não necessitam migrar, mesmo com os problemas sociais persistindo, como a violência do “soldado amarelo”, as descomposturas e os (des)mandos do “patrão”, nos tempos de inverno no sertão, a natureza oferece aos sertanejos pobres recursos que os satisfazem, os prendem à terra, os alegram; concede-os relativa fartura e prosperidade. Basta atentarmos às passagens da obra em que, no período de inverno, o vaqueiro agia com calma e resignação diante das “descomposturas” e humilhações do patrão, pois lhe esmorecera as lembranças dos sofrimentos passados.³⁹ Do mesmo modo, em outro trecho, Graciliano relata que chovia, “Fabiano estava contente e esfregava as mãos”, “esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes”.⁴⁰

Esse aspecto assume particular relevância para a problemática abordada neste trabalho, pois nos permite asseverar as seguintes conjecturas: em primeiro lugar, que na literatura a migração ocorre somente nos períodos de seca, não sendo, entretanto, uma consequência, em sentido estrito, do ambiente natural, mas por tornar os sertanejos mais vulneráveis à instrumentalização econômica da seca pelos grupos de poder nos sertões. Assim, a limitação a que as personagens são submetidas ao longo da obra não estão vinculadas ao ciclo natural que divide o tempo da natureza em períodos de seca que se alternam em meio a um interstício chuvoso, mas a razão é explicitada por Graciliano como um fenômeno ou um problema social.

Embora pareça que essa configuração narrativa busque representar a realidade da vida efetiva dos homens e mulheres do sertão, em que a dimensão cíclica da natureza determinava

³⁹ Cf. BUENO, Op. cit.

⁴⁰ Cf. RAMOS, Op. cit., mp. 67.

os destinos dos indivíduos, ressaltando, de antemão, que os caminhos indicados através da pena literária de Graciliano buscam colocar em pauta um problema bem mais complexo do que meramente estabelecer no espaço de criação artística uma relação fatalista e de determinidade entre sociedade e Natureza. A narrativa de Graciliano não se limita apenas a representar essa estrutura natural cíclica tal qual ela se dá na vida efetiva dos homens e mulheres no tempo. Conforme iremos discutir, a narrativa transcende essa dimensão meramente cíclica para o modo como se via, se sentia e se significava a vida desses homens e mulheres nos tempos passados, pondo em evidência os problemas que efetivamente os afetavam através das experiências culturais de interação desses indivíduos com o ambiente semiárido.

É certo que a proximidade que esses sujeitos sociais mantinham com o ambiente natural, chegando a, por vezes, estabelecer uma relação cultural de simbiose com os elementos dessa paisagem, fazia com que as suas vidas forçosamente seguissem o ritmo temporal cíclico da Natureza, sendo por ela influenciados e até limitados. Ressalto, contudo, com base nas proposições apresentadas por Bueno (2006, p. 662-663), que essa limitação não era estabelecida pela Natureza em si, mas porque ela se tornava passível de ser instrumentalizada pela exploração econômica.

Mas para explicitar tais assertivas, retorno ao segundo capítulo da obra intitulado “Fabiano”. Na cena, a “trovoada” chegou ao sertão e “com ela, o fazendeiro” que de imediato expulsou o personagem da fazenda, aceitando-a para trabalhar como vaqueiro após a sua muita insistência para que permanecesse. Ali, considerava-se “plantado” com a família, criaram “raízes”, “Ele, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra”, “tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.”⁴¹ Estava “satisfeito”, chegou naquela “situação medonha” com a “família morrendo de fome” e agora “era vaqueiro e ninguém o tiraria dali”. Entretanto, de imediato, esse sentimento de satisfação, por algum momento sentindo-se e admitindo-se como sendo “homem”, logo seria repreendido sob a metáfora: “– Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.”⁴² Considerando a especificidade e riqueza do texto ficcional apropriado como fonte à prática historiadora, que sentido essa metáfora atribui ao universo de significação do qual aquele indivíduo fazia parte? De que forma essa figura de linguagem fornece rastros e pistas que me permite acessar o imaginário social e as sensibilidades cifradas diante da realidade daquela

⁴¹ Cf. RAMOS, p. 19.

⁴² Cf. RAMOS, p. 17-20.

época de trinta? Que forma de interpretação do mundo desse outro tempo era essa que se expressava de forma cifrada e metafórica nessa linguagem?

Para discutir tais questões, deter-me-ei à análise de dois momentos da obra que me parecem bastante pertinente. O primeiro deles diz respeito a um trecho que explicita o tratamento que o vaqueiro recebia do fazendeiro para o qual trabalhava. Este “berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro” que, por sua vez, achava que aquilo era “natural”, que o patrão o “descompunha porque podia descompor” e por isso “ouvira as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se”, embora jurasse “não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?”.⁴³ Esses fragmentos deixam entrever o sentimento aparente de calma, resignação e subserviência do vaqueiro diante da autoridade do patrão, não expressando em nenhum instante sinal de insatisfação, salvo no segredo íntimo dos seus pensamentos.

Em uma segunda passagem, essa situação se tornava ainda mais agravante: nos momentos em que o vaqueiro ia fechar negócio com “o dono da fazenda” e percebia que o “branco” embaraçava as contas da partilha, que lhe extorquia e o enganava “descaradamente” e nem “lhe permitiam queixas” ou reclamações e ao final “ainda achava que fazia favor” ao vaqueiro que se submetia por recear “ser expulso da fazenda”.⁴⁴ Sabia que as contas de sinha Vitória estavam corretas, mas depois de perder os “estribos”, com a ameaça do patrão de que fosse “procurar serviço em outra fazenda”, logo se resignou: “Se havia dito alguma palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens.”⁴⁵ Tal atitude demonstra o esforço de Fabiano de se postar perante o patrão em uma posição de subserviência, de resignação, de inferioridade, de humildade, como um animal adestrado, domesticado, passível às ordens e imposições do proprietário. Fazia questão de apresentar-se como “Uma coisa da fazenda, um traste”, um “cabra, governado pelos brancos, quase uma rês” porque “vivía em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos, e julgava-se cabra”.⁴⁶ Aparecera como um “bicho” naquela fazenda deserta, “entocara-se como um bicho” e agora era o vaqueiro dela, criou raízes a uma terra que lhe era alheia.

⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 22-23.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, p. 110.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 93.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, p. 18; 23-24.

Nesse sentido, caberia aqui a seguinte indagação: esse tipo de atitude de subordinação assumida por Fabiano em relação ao patrão decorre de ter adotado aquela identidade de “bicho” expressa na metáfora supracitada? A personagem não se autoconsiderava um homem, mas um daqueles animais que povoavam o sertão e que apenas, vez por outra, manifestava sentimentos, gestos e práticas que o humanizavam?

Ora, necessário se faz ponderar sobre essa questão que, embora situado em uma conjuntura social que o pretendia reificar, Fabiano não se sentia necessariamente uma coisa. Pelo contrário, em diversos momentos expressou em seus sentimentos e pensamentos a insatisfação contra tais tentativas de coisificá-lo, basta lembrar o dia em que lhe sucedeu o episódio das “contas” com o patrão. Embora “Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados amarelos e os funcionários da prefeitura.” E questionava se “não estavam vendo que ele era de carne e osso”, pois até entendia e “conformava-se” que “tinha obrigação de trabalhar para os outros”, pois considerava que “era sina”, “nascera com esse destino”, no entanto, revoltava-se por não darem o “que era dele”.⁴⁷ Há ainda outras situações que corroboram tal afirmação. Quando o protagonista foi preso e espancado na cidade, imaginou “o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.” Subitamente, planejou que “Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo”. Só não executaria essa idéia pela mulher, os filhos e a cachorra Baleia.⁴⁸

Essa passagem da obra descortina os pensamentos e sentimentos de insatisfação manifestos pela personagem no interior de um emaranhado de relações de poder que se articulavam no sertão, o que sinaliza para a sua atuação enquanto um sujeito construtor, caçador de pérolas, edificador de suas próprias tramas e possibilidades de existência.

Vale salientar, todavia, que apesar desses gestos de revolta e indignação, o vaqueiro, quando imerso em situações embaraçosas, seja com “o polícia”, “o patrão” ou qualquer outro personagem que lhe figurasse aspecto de “autoridade”, preferia resignar-se, postar-se com atitudes de arrependimento, submissão, humilhação. Quando Fabiano se esbarrou por entre os catingais com o soldado amarelo que *um ano antes* o prendera e o surrara, embora um “forte impulso” o tenha dirigido para praticar um “homicídio” contra o trêmulo soldado, resignou-se. “De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu

⁴⁷ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 96.

⁴⁸ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 99-107.

um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro”.⁴⁹

Esse silêncio e resignação da personagem não conotavam, todavia, uma posição de imaturidade, fragilidade ou atraso diante de certas redes de dominação na qual estava imbricado, conforme o qualificaria certa historiografia de até fins dos anos 1960 que, embora pretensamente crítica, estava voluntária ou involuntariamente atrelada a demandas específicas de poder. Para Decca (1981), os trabalhadores do campo ou da cidade eram homogeneizados e situados por esse discurso acadêmico como supostamente vencidos, dominados, protagonistas tímidos, passivos, desorganizados. Somente após o trauma causado aos intelectuais pelos acontecimentos pós-1964, sobretudo nos anos 1970, vencidos pelas circunstâncias da luta política, os intelectuais souberam ouvir os ecos das primeiras vozes desses sujeitos sociais, rompendo o cerco de um longo período de silêncio e de invisibilidade às suas aspirações, lutas, práticas e combates. Nesse sentido, o autor propõe escrever uma história a contrapelo, discutindo a possibilidade de uma outra leitura da Revolução de trinta que retirem os “dominados” da dimensão do silêncio, situando-o como sujeito atuante na construção história no período. Para tanto, busca identificar o modo como esse silêncio foi produzido, como os supostos vencidos foram configurados estrategicamente nas práticas e discursos de legitimação do poder político.⁵⁰

No caso de Fabiano, o silêncio não era uma imposição dos discursos ou ideologias do sistema dominante de poder, mas era justamente nessa atitude de calar-se, de resignar-se em relação aos (des)mandos das “autoridades”, dos “homens que mandavam” que residia as suas astúcias para garantir a sua vivência e sobrevivência com a família sob o domínio do oligarca agrário no espaço do sertão. Deste modo, é possível detectar na experiência particular do vaqueiro a articulação de um conjunto de práticas cotidianas fabricadas de forma engenhosa, astuta, criativa, quando aparentemente supunha-se que ele estava entregue à passividade e à disciplina. Trata-se de uma produção que “se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” e de exercer o seu poder através dessas formas de uso, escapando a esse sistema sem necessariamente precisar deixá-lo.⁵¹

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, p. 100.

⁵⁰ Cf. DE DECCA, Edgar Salvadori. *O Silêncio dos Vencidos*. Prefácio de Marilena Souza de Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁵¹ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 39-40. Grifos do autor.

Nesse sentido, o vaqueiro não se sentia “um bicho” por aceitar a condição de se tornar coisificado, reificado, zoomorfozizado. Basta lembrar, conforme já fiz referência, do dia em que se deparou com aquela fazenda abandonada do sertão, apossou-se e, por algum momento, autoafirmou-se silenciosa e secretamente como um “homem”, por ter vencido tantas dificuldades.

Assim, pode-se conjecturar que fazendo parte de um sistema social dominante, hierárquico e hostil, Fabiano se identificava com elementos da fauna e/ou da flora regionais talvez como uma forma simbólica, metafórica e imaginária de trazer à lume que, em certos momentos, as relações e interações sociais entre os homens e mulheres pobres com esses organismos vivos se tornavam mais viáveis do que entre os próprios seres humanos que compunham essa rede hierárquica de poder, sobretudo se pensarmos em termos de trocas e interações dialógicas. Tal assertiva não significa, em sentido algum, que os sertanejos conviviam de forma harmônica com os ecossistemas que compunham o espaço semiárido, uma vez que essa interação também era marcada por conflitos, sobretudo nos períodos de seca, mas consiste em afirmar que mesmo com as dificuldades que a natureza lhes impunha, era possível conviver criativamente com elas caso a estrutura social instituída nesse espaço não os oprimisse a ponto de a astúcia mais provável fosse deixar os sertões.

Conforme salientei, dos encontros criativos advindos da humanização do bioma Caatinga pelas culturas híbridas surgidas da formação pluriétnica dos homens do sertão semiárido, emergiam práticas ou artimanhas transculturais e reordenamentos outros que permitiam a sobrevivência biológica e cultural naqueles espaços em regimes específicos de historicidade.

Um dado que assume particular relevância por corroborar essa afirmativa é de que os sertões do Nordeste brasileiro, na visão de Ab’Sáber (2003), tratam-se da região semiárida mais povoada do mundo, com um perfil demográfico de maior taxa de fertilidade humana das Américas, o que os torna um pólo gerador e redistribuidor de homens em face da pobreza e vulnerabilidade intensificadas nos períodos de secas prolongadas. Com base em Jean Dresch, profundo conhecedor do Saara, o geógrafo pondera que a “existência de gente povoando todos os recantos da nossa região seca era o principal fator de diferenciação do Nordeste interior em relação às demais regiões áridas ou semi-áridas do mundo”.⁵² Por oposição ao quadro limitante daquelas verdadeiras “ilhotas de humanidade” que fazem referência aos oásis onde o homem se concentra nos desertos, tendo que controlar drasticamente a natalidade

⁵² Cf. AB’ SÁBER, Op. cit., p. 92-93.

devido a uma necessidade vital de sobrevivência, no Nordeste interior brasileiro o homem está presente em toda parte, convivendo com o ambiente seco e buscando garantir a sobrevivência de famílias numerosas.

Assim observamos, com base em Pesavento (2006, p. 7), que o texto de ficção literária, enriquecido pela propriedade de ser o campo por excelência da metáfora, através do qual fala de coisas que apontam para outras coisas, é uma forma da interpretação do mundo que se revela cifrada. É uma forma peculiar que permite detectar rastros e pistas do imaginário de uma época, que expressa as sensibilidades diante da vida efetiva dos homens e mulheres no tempo, através da utilização de coisas “não-tangíveis” que passam pela ironia, pelo humor, pelo desdém, pelo desejo e sonhos, pela utopia, pelos medos e angústias, pelas normas e regras, por um lado, e pelas suas infrações, por outro.

No caso do personagem de *Vidas Secas*, detectamos que a metáfora utilizada por Graciliano que associa o homem a um “bicho” é uma forma de expressar como a personagem vivia, sentia e agia naquela sociedade. Ocorre que mesmo nos momentos em que chovia no Semiárido, quando, em tese, Fabiano juntamente com a mulher e os filhos poderia usufruir de segurança e estabilidade, na prática, isso não ocorria, sobretudo porque eles eram “oprimidos” pelo meio social do qual faziam parte, baseado em relações de poder e mandonismos por parte de um grupo privilegiado que detinha o domínio sobre as terras, as águas e outros recursos naturais da região.

Neste ponto, havemos que considerar que em *Vidas Secas*, assim como em outros de seus romances, Graciliano apresentava certas preocupações com a questão social do Brasil. Vale lembrar que em momento imediatamente anterior, a sociedade brasileira se dividia em dois pólos político-ideológicos que se constituíram como grandes temas mobilizadores da época: o discurso de direita e o de esquerda que mantinham entre si relações maniqueístas que projetavam sobre o “outro” o mal e a opressão. Desde 1935, as diferentes tendências de esquerda atuantes na vida política do Brasil tentaram unir suas forças, culminando na formação da Aliança Nacional Libertadora, que defendia a Revolução como a promessa de um mundo que seria o avesso daquela realidade social em crise, marcada pela “miséria”, “exploração”, “doença”, “exclusão”, “exploração”, “privação”, “escravidão”, etc. Assumindo esse pólo ideológico, o alvo do imaginário comunista seria o integralismo e o Governo de Getúlio Vargas – “o outro”, “o inimigo” – que se postavam como poderosos aliados do imperialismo, do fascismo e do latifúndio.

No entanto, deve-se notar que quando o escritor divide a sociedade em ricos e pobres, sob um modelo esquemático rígido, desconsidera outras nuances que perpassam a

heterogeneidade político-cultural daquela configuração territorial. Além da questão do monopólio da propriedade das terras, dos animais e dos recursos hídricos que destituía os camponeses do acesso a esses bens da natureza e os impeliam a deixar o sertão nos períodos de seca, há que se lembrar que nesse momento outros grupos de poder estavam sendo beneficiados com a condição de seca no Nordeste, estamos utilizando essa característica natural para perpetuar-se no poder.

Nas últimas décadas do século XIX, com o declínio da cultura agroexportadora de açúcar e algodão da região Norte do país, atual Nordeste, e com a importância crescente da economia cafeeira do Sul, os representantes políticos das províncias, como forma de persuadir e sensibilizar as bancadas parlamentares a conceder recursos para essa região sedimentaram no imaginário social a idéia de que esta era região identificada com o “sofrimento” e com a “miséria” por ocasião de suas características naturais, notadamente climáticas. Nesse cenário, a seca atuava como a principal protagonista na trama desses discursos instituintes, metáfora do pavor, da sede, da fome, da doença, da miséria, do castigo, da promiscuidade, da morte, etc.⁵³

A partir desse período, a seca, característica natural específica ao bioma Caatinga, passou a ser percebida como um “problema” passível de solução, o que resultou na busca de propostas políticas diversas para melhorar a vida dos homens e mulheres que habitavam esse espaço. Tais projetos, não obstante terem sido constantemente atualizados e ressignificados, passaram toda a história do Semiárido, corroborando com visões desfiguradas do meio ambiente regional, tendo como traço de continuidade e de permanência a noção de que esta seria uma terra do “desterro”, por cujos caminhos serpenteava uma “procissão macabra e fúnebre” de pessoas “trôpegas” e famintas que, em tese, seria motivada pelas secas.

No alvorecer da República, as reivindicações dos governadores dos Estados do Nordeste para solucionar o “problema” da seca eram ignoradas pelos presidentes do Brasil que se alternavam no poder e não faziam parte dos projetos parlamentares, cujas prioridades consistiam nesse momento em manter em funcionamento as fazendas destinadas à cultura do café. Nesse cenário, a característica natural de seca era tomada pelos representantes políticos

⁵³ Cf. ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2001, p. 91. O trabalho se refere à emergência da modernidade no imaginário da Paraíba e região, destacando-se para a análise desse fenômeno como identificado à aquisição de equipamentos símbolos do moderno, mas precisamente ao trem de ferro, para essas sociedades em fins do Império e início da República. A seca é situada como o mote perfeito para que as elites fizessem uso político e teatralizasse as reivindicações por estradas de ferro junto aos poderes públicos como forma de combater aos “efeitos” desse quadro de miséria.

das elites oligárquico-coronelísticas como o argumento mais eficaz para apelar por investimentos na região e manter seu poder de mando na região.⁵⁴

Através dos discursos dessas elites política e econômica do Nordeste e/ou de seus representantes no parlamento e na imprensa, pode-se perceber o cenário de cristalização de uma imagem estereotipada e vitimizadora do ambiente regional. Com vistas em se manter no poder, esses grupos instituíram estrategicamente a idéia de uma natureza “adversa”, “hostil”, “inóspita”, “imutável”, “estéril”, que provocaria secas “pavorosas” e onde só havia “destruição”, “fome”, “atraso”, “lamúria”, etc. Afirmando-se preocupadas com a “miséria” da população, o que esses grupos do poder buscavam, na realidade, era reivindicar a aquisição de equipamentos para modernizar a região, solução que vislumbravam para resolver o “problema” da seca, pois a finalidade de superfaturar recursos para garantir a sua manutenção no poder.⁵⁵

Considerações finais

Com base no exposto, considera-se que embora a seca, enquanto característica ambiental, tenha acompanhado a história da região do Semi-árido brasileiro desde os períodos coloniais,⁵⁶ foi somente no momento de crise das oligarquias do Nordeste, sobretudo a partir da grande seca de 1977-1979, que os grupos dominantes deste espaço descobriram nesse fenômeno natural um valioso argumento para obter verbas em nome da população “flagelada” da região. Iniciava-se um longo processo de vitimização dessa sociedade, de homogeneização e desfiguração do seu ambiente natural e de fabricação de estereótipos que até hoje persistem no imaginário do país. Estavam sendo gestados os arranjos sociais e políticos do que mais tarde ficaria conhecida como a “indústria das secas”.

⁵⁴ Cf. VILLA, Op. cit., p. 39. Esse autor ainda cita como exemplo a seca de 1898 a 1900, quando Campos Sales, assim como Rui Barbosa, também recusou os pedidos de apoio dos políticos do Nordeste, alegando que qualquer gasto extra-orçamentário colocaria em risco sua política de estabilização fiscal e monetária. Assim, o “problema da seca” ficaria relegado a um plano secundário. Ver p. 90.

⁵⁵ Cf. ARANHA, Op. cit.

⁵⁶ A primeira referência a essa característica climática que tinha conhecimento era a registrada pelo jesuíta Cardim, que informava ter presenciado, no ano de 1583, grande seca, esterilidade e fome pelos sertões, motivo pelo qual desceram cerca de 4 ou 5 mil índios apertados para pedir socorro ao luso-brasileiros. Ver CARDIM, Padre Fernão. *Tratados da terra e da gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 199. Porém, VILLA (2000, p. 17) assinala que documentos portugueses registram a ocorrência da seca no Sertão, notadamente, em Pernambuco, em 1552, três anos após a chegada dos primeiro Governador Geral, Tomé de Souza.

Advindas de um rígido esquema de domínio político baseado no sistema de coronelato que perdurou durante toda a República Velha,⁵⁷ é importante ressaltar que a partir de 1930, com a “Revolução de Outubro”, não se efetuou uma ruptura nessa estrutura de poder, mas apenas uma alteração político-institucional que redefiniu o sistema coronelístico-oligárquico através do aparelhamento gradual do governo central de um aparato burocrático – as interventorias – que absorveu o controle sobre as oligarquias regionais, mantendo, todavia, os alicerces do mandonismo. Deste modo, os componentes das oligarquias políticas locais foram inseridos no novo aparelho político-administrativo do processo de centralização e favoreciam a autonomia necessária ao Estado Nacional. Getúlio Vargas, quando à frente do exercício do Governo Provisório, investiu politicamente no Nordeste para que pudesse assim consolidar seu prestígio. Em um cenário de reformulação e crise econômica que então se desencadeava internacionalmente, atingindo assim o país e de forma mais intensa o Nordeste, o Governo Central reforçava o poder das oligarquias para legitimar a ordem vigente. A seca foi agenciada nessa configuração territorial como o argumento crucial através do qual tanto o Estado Nacional centralizado quanto as oligarquias agrário-exportadoras do Nordeste conseguiram manter o seu domínio, aparentando que as expectativas de mudanças vislumbradas na “Revolução” estavam sendo efetivamente realizadas. Para o primeiro, os investimentos em “obras contra as secas”, alardeados como a “Salvação do Nordeste” “sofrido” e “miserável”, corroborou a percepção de uma imagem paternalista do governo, comparável a um “pai” que assiste os seus filhos “pobres” nos momentos em que caminhavam como “errantes” engrossando as fileiras das “massas nauseabundas e terríveis” que “ameaçavam” e “aterrorizavam” as cidades ou supostamente as propriedades dos “respeitáveis” coronéis; as últimas, por seu turno, aclamaram o poder central como promotor da manutenção da ordem social e passaram a sustentá-lo, legitimá-lo, ao mesmo tempo, redefinido e reconstruindo as

⁵⁷ Sobre o conceito de coronelismo ver CARVALHO. José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: CARVALHO. José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 130 a 153. O coronelismo é um sistema político, marcado por uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos. Essa prática surgiu da confluência de uma nova conjuntura de transformações políticas e econômicas no Brasil. No âmbito da política, destaca-se a implantação do federalismo pela República em substituição ao centralismo imperial, criando um novo ator político com amplos poderes e eleito pelas máquinas dos partidos estaduais: o governador do Estado. Na economia, enfatiza-se a dependência dos fazendeiros que acarretava o enfraquecimento político dos coronéis. Nessa concepção, o coronelismo passou a funcionar como um sistema político nacional baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garantia o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos que, nesse contexto, era mais importante como instrumento de dominação do que como empreguismo. Em contrapartida, o coronel apoiava o governo, principalmente na forma de voto. Nas hierarquias mais altas, os governadores do Estado apoiavam o presidente da República em troca de reconhecimento do governo federal do domínio deles no Estado. Para maiores informações sobre esse assunto, ver também a obra clássica de LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 2. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1975.

suas estratégias de perpetuação do mando. Assim, com os primeiros indícios da iminência de mais uma seca, os membros do sistema coronelístico-oligárquico já animavam os seus representantes na imprensa e no parlamento a intensificarem o tom da sua retórica, vislumbrando prontamente a possibilidade de novos investimentos do estado.⁵⁸

Ora, esses olhares hegemônicos que partiam daqueles políticos e oligarcas do Nordeste estigmatizavam o homem e o ambiente com o qual interagia, desfigurando-os e caracterizando a relação entre ambos exclusivamente enquanto antagônica, adversa e oposta. É certo que as interfaces que se efetivam entre essas instâncias não ocorrem sem que seja por intermédio de conflitos, de modo que ambas buscam trilhar os seus caminhos próprios, espriar seus desejos mais íntimos sobre os territórios e paisagens, no entanto, a percepção e conceituação humana e a natureza não devem ser situadas em dois campos distintos, pois elas são inseparáveis, estão imbricadas. Nem o homem destrói vorazmente a natureza sem que se submeta aos seus limites, vontades e reações, tampouco vice-versa, a natureza não impõe as suas pressões sobre as sociedades sem que obtenha dela ações criativas e transformadoras. Há entre eles trocas, tensões, surpresas, relações criativas e multifacetadas que devolvem à terra, ao clima, à água, etc, um tipo de imprevisibilidade criativa frequentemente reservada aos atores humanos. Lembrando as palavras de Simon Schama, ao longo dos séculos formaram-se hábitos culturais que nos levaram a estabelecer com a natureza uma relação outra que não a de simplesmente explorá-la, de modo que os esquemas de significação que informam uma determinada sociedade circunscrita historicamente são os fatores que intermedeiam essa interação.⁵⁹

Isso posto, corrobora-se a idéia de que não é por ocasião da seca, ou seja, dos problemas estritamente ambientais, sobretudo em decorrência das secas prolongadas no sertão, que aquela família se sente desajustada do ambiente semiárido, de que o ecossistema com cujos seres vivos e cultura material esses personagens estão intimamente vinculados é muito mais amplo e complexo do que os aspectos meramente naturais, de modo que aquele ambiente é também cultura, sociedade, política, relações de trabalho, etc, e é tudo isso que transformam aqueles “videntes” em vidas secas. Deste modo, o clima da região, notadamente, a seca e o homem do sertão recebem todos aqueles estigmas e conotações negativas pelas relações sociais que são levadas a efeito no interior do bioma Caatinga.

Entretanto, são esses mesmos personagens que mantêm uma relação íntima, topofílica com a natureza, até mesmo quando ela mostra a sua face árida, seca, que desajusta homens,

⁵⁸ Cf. GURJÃO, Eliete de Queiróz. *Morte e vida das oligarquias*: Paraíba (1889-1945). João Pessoa, PB: UFPB, 1994.

⁵⁹ Cf. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das letras, 1996.

mulheres, crianças e animais, eles são capazes de se readaptar e integrar-se às novas condições que ela lhes impõe. É a isto que assistimos em *Vidas Secas*, que não consiste necessariamente em um romance de seca – voltaremos a falar longamente sobre isso –, em cujos cenários esses personagens, mesmo nos momentos de escassez, adversidades e dificuldades de garantir a energia mínima para manterem as suas vidas, quando saborearam aquela “água salobra” que lhes saciara a sede e degustaram aquela “caça mesquinha” que “adiou a morte do grupo”, sentiam “alegria”, “esperança” de que em breve seriam “todos felizes” quando a “catinga” renascesse. Além disso, com a chegada das primeiras chuvas “tomava amizade” àquela casa baixa e escura, de telhas pretas na qual morava, “ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite”, sentia-se parte daquele lugar, plantado àquela terra, enraizado assim como as “imburanas”, “as catingueiras e os mandacarus”, embora logo se “entristecesse” por saber que era “alheia”, que não lhe pertencia, que estava “ali de passagem” e que era naquela pequena biota um “hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais”.⁶⁰ Foi também ali que puderam pensar “a respeito da educação dos meninos”, o “mais novo” e o “mais velho”, cuja ausência dos nomes confirma a falta de identidades, em um momento de relativa estabilidade, embora esta não transcendesse as paredes do círculo familiar; foi ali também que Sinha Vitória pôde pensar em, como sempre sonhara, não mais dormir no desconforto de uma cama de varas, mas em uma de “lastro de couro”, semelhante à de seu Tomás da Bolandeira, o que simbolizaria fixação a um lugar, estabilidade, segurança.

Referências

AB’SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo, 2003.

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5. ed. rev., pref. e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília, DF: UnB, 1963 [1907].

AGUIAR, J. O. (Orgs.) *Água, solo & educação ambiental: história e memória, planejamento e gestão*. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem do Nordeste*. 3. ed. rev. atual. São Paulo: Brasiliense, 1973.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2001.

⁶⁰ Cf. RAMOS, Op. cit., p. 19.

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere: Literatura e Testemunho*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. Cultura, natureza e história na invenção alencariana de uma identidade da nação brasileira. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51, 2006.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2006.

BURITI, C. de O; AGUIAR, J. O. A gestão dos usos e a apropriação cultural dos recursos hídricos através dos tempos: uma história ambiental da escassez de água no Semiárido nordestino. In: AGRA, João Tertuliano Nepomuceno.

BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARDIM, Padre Fernão. *Tratados da terra e da gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

CARVALHO. José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: CARVALHO. José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: *As encruzilhadas do labirinto/2: os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 39-40.

CHACÓN, Suely Salgueiro. *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. Fortaleza, CE: BNB, 2007. (Série Teses e dissertações, v. 8).

DE DECCA, Edgar Salvadori. *O Silêncio dos Vencidos*. Prefácio de Marilena Souza de Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: *História e ciências sociais*. Tradução Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DUARTE, Regina Horta. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife, PE: FUNDARPE, 1985 [1937]. (Coleção documentos brasileiros, v. 4).

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. *Morte e vida das oligarquias: Paraíba (1889-1945)*. João Pessoa, PB: UFPB, 1994.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 2. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1975.

MENDES, Benedito Vasconcelos. *Plantas e animais para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Globo, 1987. (Coleção do agricultor).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & Literatura: uma velha-nova história*. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates*, 2006. [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Consultado em 27 de julho de 2009.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Prefácio de Álvaro Lins. 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.